TRISTÃO E ISOLDA

Anônimo

RESUMO DA NARRATIVA

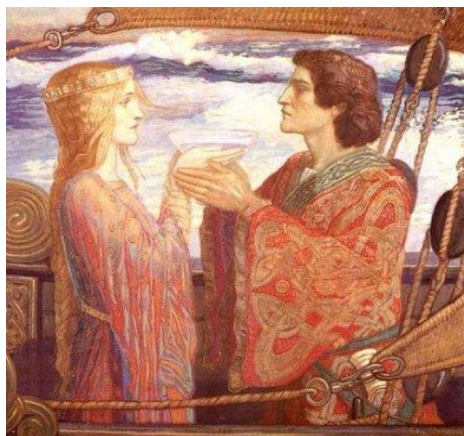
A origem da história de Tristão e Isolda, segundo a maioria dos estudiosos, perde-se na tradição oral celta[1]. No entanto, por volta do século XII, a narrativa original foi profundamente renovada por novas versões, entre elas a de Chrétien de Troyes (desaparecida), de Gottfried von Strassburg, de Béroul, de Thomas of Brittany, de Eilhart von Oberge e de Marie de France. Estas novas narrativas, todas em verso, embora razoavelmente diferentes entre si, possuem como unidade de fundo o Cristianismo. Entre os elementos cristãos que a obra adquiriu no século XII, está a inclusão do mito de Tristão no ciclo arturiano, logo na procura do Graal. Algumas versões colocam Tristão entre os doze cavaleiros da Távola Redonda. De fato, há grande semelhança entre os casais Tristão-Isolda e Lancelot-Guinevere.

A história de Tristão e Isolda pertence legitimamente ao ciclo bretão, que representa simultaneamente a luta bretã contra o invasor anglo-saxão, a cristianização das Ilhas Britânicas (com a respectiva suspensão da tradição mágica pagã) e a invenção do cavalheirismo.

Os estudiosos costumam separar as diversas versões do século XII em duas famílias: a *version commune*, mais crua, e a *version courtoise*, mais sutil. O texto que serve de base ao presente resumo está associado à *version commune*.

Depois de longo e enigmático intervalo, a partir do século XIX começam a aparecer as versões modernas do mito, sendo as mais conhecidas “O Romance de Tristão e Isolda”, editado em 1900 pelo erudito Joseph Bédier, e a versão operística de Richard Wagner (*Tristan und Isold*), que é claramente diferente.

As personagens principais são Tristão (Drustan, Tristan, Tristram, Tristant ou Tristrem) e Isolda (Ysonde, Iseult, Iseul, Isalde, Isolde, Isolt ou Isold). A história passa-se entre a queda do Império Romano (476) e a coroação de Carlos Magno (800). O cenário é a Cornualha (Cornwall), a Irlanda e a Bretanha, na França.

A versão da história de Tristão e Isolda usada neste resumo é anônima e a tradução parece ser portuguesa. De origem incerta, tudo indica que se trata de uma adaptação dos documentos do *Prose Tristan* organizados por René Curtis e Philippe Ménard.

[1] Nota do resumidor – Celta é o nome genérico do povo que ocupou as ilhas britânicas e compôs sobretudo a Cornualha, o País de Gales, a Irlanda e a Bretanha na França (via Inglaterra), além de outras partes do mundo como Portugal.

I - Nascimento de Tristão

A história começa com a descrição do rei Marcos da Cornualha, que residia tanto em Lancïen como na fortaleza de Tintagel[2].

> *"Marcos procedia de uma ilustre linhagem; talvez descendesse até de um antepassado mítico identificado como um deus de forma animal, do qual herdara as orelhas de cavalo, que dissimulava cuidadosamente sob o gorro. O próprio nome, Marcos, significava cavalo em língua celta.*
>
> *(...)*
>
> *Marcos era nobre, frequentemente generoso, leal, corajoso, mas irascível, impressionável e de humor variável, capaz de uma violência extrema e até de crueldade nos seus súbitos arrebatamentos. Desempenhava com honra o seu lugar nos combates, quando tinha de comandar o seu exército, mas distinguia-se sobretudo na caça, a sua ocupação preferida. Entre os nobres cornualhenses seus vassalos, que lhe deviam conselho e ajuda, havia vários que pretendiam quase sempre lhe impor as suas vontades e que, para obrigarem-no a satisfazer os seus desejos, não hesitavam em ameaçá-lo com a rebelião: se Marcos não se submetesse às suas exigências, retirar-se-iam para os seus castelos construídos em rochedos elevados, cercados de altas paliçadas e de fossos profundos, e pegariam em armas contra ele[3]. Marcos não era homem para enfrentá-los abertamente, e por mais de uma vez se inclinara perante as ameaças desses turbulentos senhores feudais, sobre os quais a sua autoridade era precária. Preferia por vezes ceder, para depois retomar a superioridade sobre eles por meio da astúcia e ganhando tempo."* (págs. 7-8)

A irmã solteira de Marcos, Brancaflor, apaixona-se secretamente por um cavaleiro chamado Rivalino, herdeiro de Leônis, mas que estava na Cornualha para defender o rei Marcos. Voltando a Leônis, levando Brancaflor escondida e grávida, Rivalino encontra o próprio reino em guerra contra o duque Morgan. A conselho do marechal Rouault de Foitenant, Rivalino e Brancaflor se casam. Algum tempo depois, nasceria Tristão. Brancaflor morre no parto, mas *"antes de morrer, Brancaflor entregara a Rouault de Foitenant um anel precioso: este anel deveria ser entregue à criança, quando esta crescesse, como recordação de sua mãe e de sua estirpe materna"*.

II – A Infância de Tristão

Logo que completa sete anos, Tristão é separado das mulheres e entregue a um *"sábio escudeiro chamado Gorvenal"* que se encarrega da sua educação.

> *"Tristão aprendeu a correr, a saltar, a nadar, a montar, a atirar ao arco, a combater com a espada, a manejar o escudo e a lança. Em breve se distinguiu na arte da montaria e da falcoaria, perito em reconhecer as qualidades e defeitos de um cavalo, as virtudes de um ferro bem temperado e a arte de talhar a madeira. A isto se juntavam o canto e a música, pois tocava maravilhosamente harpa e rota e compunha* lais *à maneira dos jograis bretões. Coisa ainda mais rara, imitava, a ponto de enganar, o canto do rouxinol e dos outros pássaros."* (pág. 11)

Aos quinze anos, Tristão perde o pai, morto numa emboscada pelo duque Morgan. É recolhido por Rouault de Foitenant que toma conta dele *"como dos seus próprios filhos"*. Gorvenal, temendo pela sorte do menino sem a proteção do pai, decide levá-lo à Cornualha e colocá-lo sob proteção do tio, o rei Marcos. Tristão, contudo, pede a seu preceptor que o leve incógnito para a Cornualha, pois pretendia *"ganhar a estima e a benevolência do rei por si mesmo e pelo seu valor pessoal"*. No caminho, Tristão e Gorvenal encontram caçadores que utilizam práticas toscas e bárbaras. Tristão os impressiona pelos seus conhecimentos de caça (sobretudo com sua habilidade de desmontar a carcaça) e segue com o grupo na direção de Tintagel, residência do rei da Cornualha. Naquela mesma noite, Tristão faz na corte uma demonstração de suas

---

[2] Nota do resumidor – Tintagel é cidade central no mito arturiano.

[3] Nota do resumidor – Marcos é um soberano dependente do apoio dos senhores feudais que mantêm com ele arranjo político precário.

habilidades com a harpa. Muito impressionado, o rei Marcos, mesmo sem saber que se trata de seu sobrinho, acolhe Tristão na corte como *"tocador de harpa"*, *"monteiro"* e *"servo da gleba"*.

> *"Assim foi feito, e durante três anos Tristão seguiu Marcos em todas as caçadas. De noite, dormia frequentemente no quarto real, entre os íntimos e os fiéis. Para lhe ensinar os costumes próprios da Cornualha, Marcos confiou-o ao seu senescal[4], o sábio Dinas de Lidan, o qual se afeiçoou ao rapaz. Quando Tristão atingiu o seu vigésimo ano, Marcos doou-lhe armas magníficas e confiou-lhe um dos mais altos postos do seu exército."* (pág. 13)

III – A Lança Envenenada de Morholt

Grande perigo ameaça a Cornualha. O gigante Morholt, da Irlanda, chega numa nau armada para exigir de Marcos o tributo (imposto à Cornualha havia um século, *"no decurso de guerra infeliz"*) de trezentos rapazes e trezentas moças na idade de quinze anos. Como o rei Marcos havia quinze anos negava-se a entregar os jovens, os enviados de Morholt vinham cobrá-lo. No entanto, se o rei Marcos ou outro nobre lutasse com Morholt em combate singular e o vencesse, a Cornualha seria libertada do tributo. Tristão oferece-se para lutar contra o gigante, que só aceita como adversário outro nobre. Tristão relata então ao gigante sua verdadeira identidade: *"Se o vosso senhor é filho de rei, também eu o sou; o rei Rivalino de Leônis era meu pai, o rei Marcos é meu tio, pois nasci de sua irmã Brancaflor e chamo-me Tristão"*. Para provar a alegação do rapaz, Gorvenal apresenta o anel de Brancaflor.

O combate é, então, combinado para a ilha Saint-Samsom, *situada em frente a Tintagel e a pouca distância da costa*. Como ali ninguém habitava, *"só mesmo Deus decidiria a sorte das armas e manifestaria de que lado estava o direito"*. Os duelistas chegam à ilha sozinhos. A multidão observa da margem. O combate começa. Tristão não sabe que a ponta da lança de Morholt está envenenada. Tristão é atingido *"até o osso"*, *"mas a haste quebra-se e voa em pedaços sob a força do choque."* Por sua vez, a espada de Tristão penetra no crânio do gigante que, ferido de morte, foge com um grito terrível e é recolhido por seus companheiros que *"o içam, ainda com vida, para a nau e se fazem à vela com ele para a Irlanda."* O gigante abatido leva na cabeça um fragmento da espada de Tristão.

Tristão é recebido com manifestações de alegria, mas, ao chegar ao palácio, vencido pela força do veneno, cai sem sentidos.

IV – A Barca sem Velas nem Remos

Os médicos da corte logo percebem que Tristão havia sido ferido por uma arma envenenada: *"Em breve as dores se tornaram tão vivas que o bravo não podia pregar o olho, nem de noite nem de dia; e também perdeu o apetite e a sede e tornou-se magro e fraco."* Só o fiel Gorvenal e Dinas de Lidan aturam o odor fétido da ferida. A seu próprio pedido, Tristão é transportado para uma cabana fora do palácio, à beira-mar. Vendo-se perdido, Tristão pede ao rei Marcos que lhe conceda *"partir para costas desconhecidas"* para *"experimentar se Deus lhe concederia, no termo de uma longa viagem, a cura que ainda esperava"*. Depois de resistir, o rei acaba cedendo:

> *"Tristão foi colocado, como era seu desejo, numa simples barca, sem vela, nem remos, nem leme, sozinho, sem nenhum companheiro. Só tinha ao alcance da mão alguns alimentos e a sua boa harpa, que não cessara de tocar desde que fora ferido, pois o canto e o som dos instrumentos haviam-se tornado a sua única consolação."* (pág. 22)

"Durante sete dias e sete noites, as vagas arrastaram-no sem tréguas, ao sabor dos ventos e das correntes". Tocando sua harpa, Tristão chega, por fim, na Irlanda, onde é levado à residência do rei Gormond, que quer conhecer *"o tocador de harpa estrangeiro"* que havia encantado as pessoas na praia. Com medo de ser reconhecido como o vencedor de Morholt, apresenta-se como um jogral bretão de nome

[4] Nota do resumidor – Senescal é uma espécie de nobre-camareiro, muito próximo do trono.

Tãotris, inventando que seu barco havia sido atacado por piratas. *"De tal modo o veneno lhe havia deformado as feições e enfraquecido o corpo"*, que Tristão não é reconhecido por ninguém. A pedido de Gormond, o rapaz é tratado pela própria rainha Isolda, que também era irmã de Morholt e havia preparado pessoalmente o veneno para lança de Morholt. Em alguns dias, Tristão está curado. Durante sua convalescença, a rainha confia o rapaz aos cuidados de sua filha Isolda, *"então com doze anos, e cuja cabeleira loura tinha o brilho do ouro"*. Tãotris (Tristão) recompensa-a tocando harpa e ensinando-lhe a arte de tocar e cantar. Receando ser descoberto, assim que melhora, Tristão volta para a Cornualha, onde *"jovens e velhos vieram recebê-lo e regozijariam-se como se ele regressasse de entre os mortos"*.

V – A Donzela dos Cabelos de Ouro

O rei Marcos torna Tristão seu herdeiro e lega-lhe o trono, já que renunciara ao casamento. Esta decisão provoca inveja sobretudo em quatro barões: Audret, também sobrinho de Marcos, Guenelon, Gondoïne e Denoalen. Para estes, as proezas de Tristão eram prova de sua ligação com Satanás: *"Nós o vimos atingido por um ferimento incurável, quase agonizante, e ei-lo agora fresco e ágil, o corpo intacto e o coração arrogante!"* Para deserdar Tristão, os barões insistem em que o rei se case[5]. Marcos pede quarenta dias para decidir. Quando finda o prazo, uma andorinha traz no bico um fio de cabelo loiro, *"mais fino e brilhante que um fio de ouro"*. O rei vê o fato como um presságio. Tristão reconhece o cabelo de Isolda, filha de Gormond e Isolda, reis da Irlanda. O rei está impressionado, mas teme a hostilidade da Irlanda à Cornualha. O senescal Dinas de Lidan, contudo, vê no casamento oportunidade para a reconciliação dos dois reinos. No final das contas, fica combinado que Tristão iria à Irlanda pedir a mão da jovem Isolda para o rei Marcos. Gorvenal iria junto. Além deles, cem rapazes. A comitiva faz proa para Weisefort[6], na costa da Irlanda.

VI – Vitória sobre o Dragão da Irlanda

Ancorados em Weisefort, e disfarçados de mercadores, Tristão e a tripulação são acordados por *"gritos horríveis de homens e mulheres"*. O terror era causado por um dragão que *"todos os dias descia à cidade e aí fazia grandes devastações"*. Havia um prêmio pela destruição do monstro:

> *"O rei Gormond mandara proclamar por toda a sua terra que, se houvesse um homem bastante corajoso para matar o dragão, lhe daria a filha em casamento e metade do reino, desde que fosse de nascimento nobre. Havia confirmado este compromisso com cartas seladas e ordenara que fossem lidas em todos os lugares pelos arautos. Muitos, aliciados com esta promessa, haviam tentado o empreendimento, mas o dragão matara-os e já não restava ninguém que ousasse esperá-lo na estrada que seguia; os mais aguerridos logo deitavam a fugir e escondiam-se."* (pág. 31)

Tristão parte solitário enfrentar o dragão que tinha *"dois cornos na testa, as orelhas largas e peludas, os olhos cintilantes à flor da cabeça como carvões ardentes, o alto focinho erguido como o de uma serpente fantástica, a língua de fora, cuspindo por todas as partes fogo e veneno, o corpo escamoso, garras de leão e a cauda de uma serpente."* Tristão enfrenta a fera, *"enterra a ponta da espada na garganta do monstro, e a penetra inteiramente lhe trespassando o coração."* O dragão está vencido. No entanto, ao cortar a língua do monstro, Tristão é envenenado: *"o veneno que dela se escapava infectou-lhe o sangue e paralisou-lhe os membros."* Tristão tenta andar até uma lagoa e cai inanimado. Enquanto isso, um senescal do rei, Aguinguerran, o Ruivo, que cobiçava Isolda, encontra o dragão morto, não vê ninguém perto e decide reivindicar para si a façanha, cortando a cabeça da criatura. A jovem Isolda, inconformada com sua sorte, não acredita na versão de Aguinguerran, que ela detesta, e sai à procura do verdadeiro herói. Encontra Tristão desfalecido e, mesmo sem o reconhecer, leva-o para Isolda-mãe, que o cura novamente.

[5] Nota do resumidor – O barão Audret é o herdeiro natural do trono e acha-se espoliado por Tristão.
[6] Nota do resumidor – Possivelmente a Wexfort dos dias de hoje.

VII – A Brecha da Espada

Nos aposentos reais, Tristão mantém o disfarce de mercador, confirma que havia matado a fera e dispõe-se até combater com o senescal pelos seus direitos. Enquanto toma um banho curativo, é cuidado pela jovem Isolda que percebe a falta de um fragmento de metal na espada do estrangeiro. Compara o buraco com o fragmento retirado da cabeça de seu falecido tio e reconhece o matador de Morholt[7]. A moça faz um gesto para matá-lo no banho, mas Tristão a convence de que ele é a única chance de livrá-la de Aguinguerran, o Ruivo:

> *"Quando estiveres deitada entre os braços do valente senescal, ser-te-á agradável pensar no teu hóspede ferido que arriscou a vida para conquistar-te e que tu mataste no banho, sem que tenha podido fazer um gesto para defender-se!"* (págs. 37-38)

No entanto, quando fica sabendo da verdadeira missão de Tristão, a jovem Isolda se rebela: *"Então conquistaste-me matando o dragão, mas, em vez de casares comigo, como é teu direito, queres entregar-me ao teu senhor, o rei Marcos!"* A moça relata os fatos à mãe, que também quer vingar seu irmão, mas a criada Brangia a faz ver a conveniência maior de Tristão matar o intragável senescal. A jovem Isolda volta aos aposentos de Tristão e, em sinal de acordo, beija-lhe a boca. Mãe e filha procuram o rei e pedem-lhe que inclua no "pacote" do vencedor do dragão mais *"um dom"*: o perdão por suas falhas passadas. No dia seguinte, aconteceria a reunião da corte para *"escutar as afirmações contraditórias do senescal e do matador do monstro."*

VIII – Isolda conquistada para o rei Marcos

Com a presença dos cem emissários da Cornualha, paramentados, *"magníficos e silenciosos"*, começa a sessão. Isolda faz seu pai renovar o perdão ao vencedor do dragão e proclama vencedor Tristão de Leônis, dirigindo-se a seu pai: *"Rei, beija este homem na boca, como me prometeste."* O senescal, entretanto, apresenta a cabeça do dragão como prova de sua autoria. Tristão o desmascara, mostrando que ali não estava mais a língua. O senescal, encurralado, amedronta-se, confessa a perfídia, perde o cargo e é expulso para sempre da corte. Tristão discursa dizendo que estava obrigado a levar Isolda para o rei Marcos *"que não quer outra mulher"*. *"Tenho, pois, de cumprir o meu julgamento, senhores irlandeses, e não faltarei de modo nenhum."* A jovem Isolda não está nada contente:

> *"Ora, tal é o humor inconstante das mulheres: a jovem Isolda, cujos olhos irradiavam a mais viva alegria quando o senescal deixava a sala sob as injúrias dos assistentes, mostrava agora um rosto entristecido e de traços endurecidos pela cólera. O seu coração fremia de vergonha e de angústia, pois que Tristão mal a havia libertado do senescal covarde logo menosprezava casar-se com ela para levá-la na sua nau, a fim de entregá-la a um velho rei do qual nada sabia."* (pág. 43)

A jovem Isolda acabaria partindo para a Cornualha com sua criada Brangia e Périnis, *"um lacaio afeiçoado à sua pessoa"*. Durante os preparativos da viagem, a moça recusa conversa com Tristão, *"por quem se julgava ofendida e desprezada"*. A rainha, preocupada com a infelicidade da filha num casamento indesejado com um homem muito mais velho, toma uma iniciativa:

> *"Veio-lhe então à idéia recorrer à magia para assegurar a união dos dois futuros esposos. Preparou uma poção poderosa com ervas e flores que ela própria colheu na floresta e nas montanhas, a certas horas propícias do dia e da noite; misturando-as com vinho, obteve uma tintura ervosa, que era um filtro de amor capaz de fazer nascer a paixão no homem e na mulher que o bebessem. Mas empregou tais ritos e tais fórmulas secretas que conferiu a esse vinho ervoso um poder inaudito: aquele e aquela que partilhassem essa poção deviam amar-se com todas as suas forças durante um período de três anos, a tal ponto que não poderiam suportar*

[7] Nota do resumidor – Quando da volta de Morholt da Irlanda, sua irmã Isolda havia preservado o fragmento retirado do crânio do gigante. Este fragmento coincidia com o faltante na espada de Tristão.

estar afastados um do outro mais de um dia sem sofrer gravemente e mais de uma semana sem se arriscarem a morrer." (págs. 43-44)

A rainha Isolda entrega o frasco a Brangia e a instrui a dar a poção aos noivos na noite de núpcias. A comitiva parte:

> *"Tristão pedira ao rei Gormond uma nau irlandesa para escoltar a sua até Tintagel: foi nessa nau que Isolda tomou lugar com as suas servas, e uma vasta tenda foi erguida para elas na ponte do navio. Entre os homens, só Tristão aí tinha acesso. Quando a nau ficou pronta, todos se dirigiram para o porto, o rei e a rainha acompanharam a filha até lá e, quando o vento se levantou, os dois navios singraram juntos para o alto mar. Na margem, muitos homens e mulheres, nascidos no mesmo país de Isolda, choravam ao vê-la afastar-se, pois amavam-na pela sua graça e beleza."* (pág. 44)

IX – Cumpre-se o Sortilégio

Isolda vê com tristeza a costa da Irlanda apagar-se na bruma. *"Suspiros enchiam o seu peito e as lágrimas deslizavam-se pelo rosto"*. A moça está inconformada por ter sido rejeitada por Tristão. A comitiva fundeia numa ilha para esperar o mar melhorar. A criada Brangia, para consolar sua patroa, fala-lhe do filtro do amor, mas a moça, mais aborrecida ainda, promete não bebê-lo: *"Se o partilhasse com o rei Marcos, far-me-ia cúmplice das manobras tortuosas de Tristão. Não, não farei o seu jogo, não me curvarei às suas vontades."* Mais tarde, numa visita de Tristão à tenda de Isolda, Brangia, então, sorrateiramente, coloca metade da poção no vinho. Isolda bebe e passa a taça a Tristão que *"esvaziou-a até a última gota"*.

> *"Mal os dois jovens beberam desse vinho, o amor, tormento do mundo, penetrou nos seus corações. Antes de se terem apercebido disso, curvou-os a ambos ao seu jugo. O rancor de Isolda dissipou-se e nunca mais foram inimigos. Já se sentiam ligados um ao outro pela força do desejo e, no entanto, ainda o escondiam um do outro. Por mais violenta que fosse a atração que os empurrava para o mesmo querer, ambos tremiam igualmente no temor da primeira confissão."* (pág. 48)

Tristão cai imediatamente em remorsos por estar desejando a mulher do tio e diz para si: *"Muda o teu desejo, ama e pensa noutra."* Mas a aproximação é irresistível e, enquanto *"os marinheiros dançavam cantando à volta das chamas avermelhadas, os dois enfeitiçados, renunciando a lutar contra o desejo, abandonaram-se ao amor"*. Brangia ao ver os amantes reunidos, confessa em voz alta o equívoco que provocara. Ninguém a ouve, exceto Gorvenal, a única testemunha da confissão.

X – A Noite de Núpcias do Rei Marcos

O casal continua o romance durante a viagem e teme a reação do rei Marcos ao descobrir que Isolda não é mais virgem. Tristão diz que, se ela deve padecer de *"funesta morte"*, padecerão juntos, mas Isolda tem uma solução que depende da colaboração de Brangia. Isolda promete à criada grandes recompensas e ela concorda. Chegam finalmente à Cornualha. Alguns dias depois, Isolda e Marcos casam-se. Antes de o rei entrar no leito nupcial, Brangia esconde-se nele nua. Tristão diz ao rei Marcos, algo perturbado pelos vapores do vinho, que na Irlanda o costume é *"apagar todas as luzes no momento em que o marido se juntava à mulher no leito nupcial."* Quando o rei adormece, Isolda e Brangia trocam de lugar. Brangia, mais tarde, serve ao rei o resto da poção que a rainha havia preparado. Marcos bebe. Isolda, sem ser vista pelo marido, deita fora a bebida que restava na taça.

Tristão e Isolda continuam a ver-se secretamente.

XI – Brangia entregue aos Servos

Só Brangia e Gorvenal conhecem o segredo dos amantes. Isolda teme a indiscrição de Brangia e, no seu espírito, germina *"monstruosa idéia"*: *"que Brangia desapareça e nada mais terei a temer"*. Isolda contrata

dois servos florestais do rei e promete-lhes sessenta soldos de ouro para matarem Brangia na floresta. A língua da criada deveria ser trazida como prova da morte. Convencida a ir à floresta com os caçadores, Brangia, no momento em que vai ser apunhalada, suplica conhecer o mandante de sua morte. Quando sabe que é Isolda, Brangia diz estar agradecida a ela, apesar de tudo, e conta aos servos que seu único crime havia sido:

> *"No momento de desembarcar em Tintagel para casar com o rei Marcos, suplicou-me que lhe emprestasse a minha camisa para entrar no leito do rei, pois a sua já não estava tão branca nem tão intacta como convinha. Confesso que me custou aceder ao seu pedido, pois, por mais pobre que seja, gostaria de conservá-la para mim própria. É por isso que, antes de ceder, me fiz suplicar: essa breve hesitação é a única coisa que Isolda me pode censurar."* (pág. 56)

Os homens, compadecidos de Brangia, poupam-na e levam para a rainha uma língua de lebre no lugar da língua da criada. Quando eles voltam, Isolda quer saber se ela havia dito alguma coisa. Eles contam o caso da camisola. Isolda se enfurece:

> *" 'Assassinos, quem vos disse para a matardes? Devolvei-me Brangia, a minha querida serva! Não sabíeis que era a minha única amiga?' 'Rainha – respondeu um dos servos -, diz-se justamente que a mulher muda em pouco tempo. Matamo-la porque vós no-lo ordenastes.' 'Miseráveis! Não vistes que falava sob o efeito da cólera? Não devíeis refletir longamente e adiar para mais tarde? Ai de mim! era a minha querida companheira, a doce, a fiel, a bela. Quero vingar em vós a sua morte. Mandarei esquartejar-vos pelos cavalos e queimar os vossos membros numa pira se não ma devolveis sã e salva e tal como vo-la confiei!' Um dos servos respondeu: 'Palavra de honra, rainha, mudais facilmente de pensamento! Nem há duas horas, ordenáveis-nos que a matássemos, e agora quereis perder-nos por amor dela!"* (pág. 57)

Os servos trazem Brangia de volta ao palácio. As mulheres se abraçam. *"Nunca mais, desde esse instante, a rainha Isolda concebeu a menor dúvida sobre a fidelidade da sua querida Brangia."*

XII – A Inveja de Kariado

O amor de Tristão e Isolda começa a despertar rumores e invejas. Um nobre chamado Kariado, par de Tristão, inveja o favorecimento que o rapaz recebe do rei Marcos. Uma noite quando Tristão sai furtivamente para encontrar-se com Isolda, Kariado acorda com um pesadelo (em que o rei era atacado por um javali feroz) e procura por Tristão[8], sem encontrá-lo. Segue as pegadas de Tristão na neve, encontra aberta a porta do aposento das mulheres e *"entrevê os dois amantes estendidos lado a lado"*. No dia seguinte, Kariado procura o rei Marcos e o intriga:

> *"Sire, contam-se na corte, a respeito de Tristão e de Isolda, muitas coisas que não honrariam de modo algum o vosso país e os vossos homens. Advirto-vos para terdes cuidado e refletirdes: estão em jogo o vosso sossego e a vossa honra."* (págs. 60-61)

Intrigado, Marcos começa a prestar mais atenção no comportamento da mulher que, alertada pelo amante (que percebeu modificações em Kariado), comporta-se mais discretamente.

O rei Marcos decide testar a rainha. Comunica-lhe uma peregrinação aos lugares santos e consulta-a sobre quem a protegerá melhor na sua longa ausência. Ela indica Tristão. Kariado, consultado pelo rei, diz que se trata da confirmação do adultério. Quando Brangia fica sabendo da conversa, compreende tudo.

> *" 'Não sabeis fingir! O rei experimentou-vos e descobriu-vos, pois ignorais a arte de dissimular os vossos secretos pensamentos. Foi Kariado quem tudo maquinou com o rei para que vos traísseis: não é difícil de adivinhar, observando bem, como ele está secretamente apaixonado por vós e tem ciúmes de Tristão.' Brangia deu conselhos à rainha e ensinou-lhe o que devia dizer ao rei para se livrar desse mau passo."*

---

[8] Nota do resumidor – Pelo costume da época, os nobres dormem todos juntos nos aposentos reais. Segundo indicações do próprio texto, a rainha parece dormir às vezes nos aposentos reais, às vezes no das mulheres.

O rei experimenta a mulher pela segunda vez, retomando o tema da viagem. Desta vez preparada, Isolda “confessa” ao marido: *“Infeliz, nasci para o sofrimento e a dor!”* e explica estar arrasada com a futura ausência dele. Quando Marcos diz que Tristão a protegeria na sua ausência, ela lamenta:

> *“Ai de mim – exclamou Isolda -, se é ele que me deve proteger e guardar! Sei o que pensar do seu zelo em me servir e dos seus bons sentimentos: não passam de hipocrisia e de falinhas mansas. Finge ser meu amigo porque matou o meu tio e lisonjeia-me para que não me vingue dele. Pode, no entanto, ter isto por certo: todos os seus belos semblantes não me podem consolar da grande dor, da vergonha e do mal que causou a mim e à minha família. Se não fosse vosso sobrinho, há já muito tempo que o teria feito sentir a minha cólera. Queria nunca mais o ver, nunca mais lhe falar “* (págs. 62-63)

Kariado convence o Rei a testar Isolda uma terceira vez: propor banir Tristão do reino, “atendendo” o desejo da rainha. Isolda, instruída por Brangia, reage dizendo não querer assumir a responsabilidade por ato tão drástico e propõe peregrinar com o rei Marcos. Agora, o rei está convencido da fidelidade da mulher. *“Kariado resignou-se e renunciou por algum tempo às acusações contra Tristão”*. A desistência, no entanto, é temporária.

XIII – A Harpa e a Rota

Um nobre irlandês, *“de aparência magnífica”*, carregando uma harpa, chega à Cornualha. Naquela noite, com Tristão ausente, o irlandês toca maravilhosamente para os nobres, após Marcos ter-lhe prometido imprudentemente o que quisesse como paga. O estrangeiro pede Isolda (de que era antigo cortejador, sem que Marcos o soubesse). O rei, que não é defendido por seus barões, sem poder recuar da promessa, entrega-lhe a mulher. Quando o irlandês está esperando a maré para zarpar com Isolda, chega Tristão de volta da caça e é informado dos acontecimentos. Disfarçado, apresenta-se à comitiva estrangeira como irlandês e pede para ser levado junto. O plano começa a funcionar: enquanto espera com o grupo, o “irlandês” entretém o casal tocando rota[9]. A tripulação irlandesa deseja partir imediatamente, *“antes que Tristão volte da caçada”*. O irlandês menospreza o perigo: *“Maldito seja o covarde que teme o assalto de Tristão”*. Na hora da partida, a maré já alta, fica difícil andar pela prancha até a embarcação e Tristão sugere conduzir a rainha a cavalo até o navio. O irlandês concorda. Com Isolda na sela, Tristão parte, desancando o estrangeiro: *“Regressa, ridicularizado e maldito, à Irlanda, vil mentiroso.”* O casal passa uma noite de amores na floresta. No dia seguinte, Tristão devolve Isolda ao rei dizendo:

> *“Pela minha fé, sire, uma mulher não é de modo algum obrigada a amar um homem que a entrega por uma ária de harpa. Guardai-a melhor para outra vez, pois foi necessária grande astúcia para reconquistá-la.”* (pág. 68)

XIV – A Aveleira e a Madressilva

Os quatro barões “traidores”, incentivados por Kariado, denunciam a Marcos *“a traição do sobrinho”*. A inquietação do rei recomeça. Marcos pede a Tristão que se afaste da corte e parta *“para uma terra distante”*. O rapaz finge obedecer, mas na verdade se esconde nas imediações de Tintagel, *“na casa de um habitante que lhe dá asilo, em segredo, a ele e a Gorvenal”*. Pelos moradores, fica sabendo que o rei pretendia reunir toda a corte em determinado lugar para o dia de Pentecostes. Tristão deixa um sinal de sua presença, por meio de um galho de aveleira, no caminho da comitiva, e envia carta a sua amada:

> *“Bela amiga, sabei que por amor de vós continuo escondido na floresta. Aí tenho permanecido à espera de encontrar o meio de voltar a ver-vos, pois é-me impossível viver sem vós: nós dois somos como a madressilva quando se enrola à volta do ramo da aveleira: uma vez a ela ligada e presa, ambas podem durar juntas eternamente, mas, se as querem separar, a madressilva morre*

[9] Nota do resumidor – Rota é um instrumento musical parecido com uma sanfona.

> *em pouco tempo e o mesmo sucede à aveleira. Bela amiga, tal é o nosso caso: nem vós sem mim, nem eu sem vós!"* (pág. 70)

Quando o cortejo real passa pelo local marcado por Tristão, a rainha pede para descansar, caminha com Brangia pelo bosque, reencontra o amante e lhe diz: *"Querido amor, disseste a verdade: sou a madressilva e tu a aveleira, ninguém nos poderá separar um do outro sem causar a morte de ambos."* Para recordar este encontro, Tristão compõe um novo *lai* de harpa[10], que os ingleses chamam *Goatleaf* e os franceses *Chévrefeuille*. Combinam um estratagema para se encontrarem todas as noites no pomar real, usando aparas de aveleira como código (de uma fonte no pomar saía água que, por meio de um canal, atravessava o dormitório das mulheres. Tristão jogaria as aparas na água para avisar da sua presença no pomar).

XV – Marcos Empoleirado no Pinheiro Grande

Os inimigos de Tristão estão inconformados com retorno da felicidade da rainha que, acertadamente, julgam estar vendo o amante. Consultam Frocin, o anão corcunda *"que lê o futuro nos sete planetas e no curso das estrelas"*. O aleijão, *"que era mau e invejava a felicidade dos amantes"*, observando *"o curso de Orion e de Lúcifer"*, descobre o lugar e a hora dos encontros noturnos dos amantes, junto à fonte do pomar. O duque Audret conduz o anão até Marcos. O feiticeiro propõe:

> *"Sire – disse o feiticeiro -, fazei constar que partireis esta noite para a floresta para caçar durante sete dias. Antes de soar a meia-noite, regressai bruscamente a Tintagel e eu conduzir-vos-ei, no pomar, a um lugar donde podereis ver o encontro de Tristão e da rainha e ouvir-lhes as palavras. Que eu seja enforcado se ficardes decepcionado com a espera!"* (pág. 73)

Na noite combinada, o rei sobe em um pinheiro para flagrar o casal infiel. De fato, do alto da árvore o rei vê Tristão *"transpor a paliçada e saltar para o pomar."* Quando Tristão já havia emitido os sinais para sua amada, percebe, à claridade da lua, o rosto do rei refletido no espelho de água. Tarde demais. As aparas já navegavam pelo canal. Quando Isolda chega, Tristão tenta sinalizar o perigo com feições. Felizmente, Isolda desconfia de alguma coisa e também vê, na água, a imagem refletida do marido no alto da árvore. Espertamente improvisa dizendo:

> *" 'Senhor Tristão, que loucura vos deu para me chamardes a esta hora? Em nome Daquele que fez o Céu e a Terra, não me chameis mais, bem de dia nem de noite, pois, dessa vez, não virei. Todavia vós bem o sabeis: o rei julga que eu vos amo loucamente. Os barões traidores fazem-no crer que vós, que sois a defesa da sua honra, o ridicularizais sem vergonha. Em verdade, preferiria ser queimada viva e que a minha cinza fosse dispersa ao vento a amar outro homem que não seja o meu senhor. Não, Tristão, não me chameis mais sob nenhum pretexto: não ousaria nem poderia vir; se o rei soubesse da nossa entrevista desta noite, condenar-me-ia à morte esquartejada por quatro cavalos. Por certo que me sois caro, porque sois seu sobrinho. Aprendi com a minha mãe que devia amar os parentes de meu marido: observo esse preceito. E penso que uma mulher não amaria verdadeiramente o seu senhor se não amasse igualmente os seus parentes e os seus próprios aliados. Mas vou-me embora que estou a demorar demasiado!' 'Senhora, por amor de Deus, escutai-me! Em boa fé, por várias vezes tentei encontrar-vos. Desde que fui banido da corte, não sei onde vos falar. Sofre por que me dará fé a tais calúnias? Por que acreditará nas mentiras daquelas pessoas que vimos mudas e trêmulas perante o desafio do Morholt? Fazei-me favor, peço-vos, de me justificar vós mesma junto de vosso marido!' 'Por Deus, senhor, que me pedis? Convencê-lo da vossa lealdade? Obter-vos o seu perdão? Isso seria provocar, em vão, a cólera do rei! No entanto, ficai sabendo, belo senhor, que, se ele vos perdoasse e esquecesse a cólera, ficaria cheia de alegria. Mas vou indo, pois tenho medo que alguém vos tenha visto chegar.' "* (págs. 74-75)

No alto da árvore, o rei *"regozija-se ingenuamente com a fidelidade de Isolda e a lealdade de Tristão"*. Mais tarde, ao ouvir o episódio, Brangia julga que ali havia obrado a mão de Deus. No dia seguinte, o rei testa

[10] Nota do resumidor – *Lai* é uma espécie de poema narrativo. Sobre o tema de Tristão e Isolda há um famoso *lai* composto por Marie de France com o nome "*Lai de Chévrefeuille*".

Isolda, perguntando-lhe da última vez em que ela encontrara o rapaz. Ela diz a "verdade" e reconstitui a conversa. Por sua vez, Marcos revela que havia assistido a conversa do alto do pinheiro. Marcos manda chamar Tristão e o reabilita. O anão Frocin, por outro lado, tendo sabido pelas estrelas do fracasso do flagrante, tomado de pânico, *"foge sem parar para a terra de Gales."*

XVI – A Farinha-Flor

"O Amor é insaciável e nenhuma razão o governa" e o descuido dos amantes *"fazia o jogo dos inimigos"*. *"Desde que Marcos renunciara a suspeitar deles, Tristão e Isolda, negligenciando os avisos de Brangia, não hesitavam a se encontrar em pleno dia"*. Novamente surpreendidos, os amantes dão oportunidade para os barões voltarem à carga, ameaçando o rei de abandoná-lo, caso não fossem tomadas providências, entre outras, de perdoar o anão. Frocin, de novo na corte, urde novo plano: o rei mandaria Tristão cavalgar até Carduel a uma boa distância, saindo bem cedo, para levar ao rei Artur[11] uma carta em pergaminho. O anão jura a Marcos que Tristão, aproveitando-se de que o rei estaria dormindo, iria ver sua amada antes de partir. De fato, ao receber a ordem de partida na véspera, Tristão planeja ver Isolda bem cedo antes de viajar. No entanto, enquanto pensa deitado na amada, percebe o anão entrar sorrateiramente nos aposentos reais e espalhar fina camada de farinha entre o seu leito e o de Isolda. Tristão compreende o estratagema. À noite, conforme combinado entre eles, o rei e os nobres saem para caçar, deixando Tristão e Isolda sozinhos com Périnis, o lacaio irlandês que dormia ao pé do leito real. Para evitar pisar na farinha, Tristão pula para a cama da rainha. Com o esforço, uma ferida de caça sofrida dias antes reabre e gotas de sangue caem nos lençóis da rainha. Enquanto o casal *"se une na carne"*, o anão espertalhão convoca a comitiva para voltar e surpeendê-los: *"Vai agora e, se não os surpreenderes juntos, manda-me enforcar!"* Ao perceber o retorno da comitiva, Tristão pula de volta para sua cama. Não há pegadas na farinha, mas manchas de sangue em todos os lugares sobre os leitos. O rei acusa o sobrinho e a mulher de infidelidade:

> *"Eis indícios irrefutáveis: o teu crime está provado, não servirá de nada defenderes-te. Em verdade, Tristão, nunca em toda a minha vida senti tal furor, pois nunca fui ultrajado nem metido a ridículo como tu acabas de fazer! Que comédia não me representastes, a rainha e tu, sob os ramos do pinheiro grande! Mas o castigo de ambos será proporcional ao vosso crime."* (pág. 81)

Tristão pede clemência para Isolda: *"Mas em nome do Pai da misericórdia, peço-te, poupe Isolda"*. Inutilmente. Os amantes são amarrados e presos. No dia seguinte de manhã, Marcos os iria mandar consumir no fogo e depois espalharia suas cinzas ao vento *"como era de uso para os traidores"*.

XVII – O Salto da Capela

"Não há ninguém, entre o povo, que não se apiede da sorte dos amantes nem deseje o Inferno para o anão, causa de todo o mal." O povo, *"em grande tumulto"*, sem sucesso, exige do rei perdão para os dois cativos. Tristão é conduzido à pira antes de Isolda e passa no caminho por uma capela, construída no alto de uma colina escarpada.

Tristão pede para rezar por sua alma. A capela só tinha uma porta. Os vitrais davam para o abismo. Tristão entra na igreja, corre para os vitrais, abre-os e *"atira-se no vácuo"*. Milagrosamente, aterra sobre um patamar sem se machucar pois, *"por vontade de Deus que o protege, o vento engolfara-se nas roupas e amortecera-lhe a queda."*

> *"Ainda hoje, as pessoas da Cornualha mostram este patamar e chamam 'O salto de Tristão'. Da mesa de pedra, Tristão pulou para a areia e correu a toda a velocidade para a charneca, na direção da floresta. Vários dos que estavam a rezar na capela vieram à janela e gritaram que era milagre, vendo Tristão são e salvo fugindo à beira-mar."* (pág. 85)

---

[11] Nota do resumidor – A lenda do rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda é contemporânea à de Tristão e Isolda. De fato, por volta do século V ocorre a unificação dos povos anglos e saxões e a introdução do Cristianismo nas ilhas britânicas. Daí decorre a natureza cristã do ciclo arturiano, a que a história de Tristão e Isolda está ligada.

Na floresta de Morois, o fiel Gorvenal traz para Tristão a espada, o lorigão, o elmo e o cavalo, dizendo: *"Deus concedeu-te a liberdade, ser-te-á necessário combater duramente para conservá-la"*. Rapidamente corre a notícia da fuga de Tristão. Mesmo na prisão, Isolda sabe dos acontecimentos e declara: *"Agora, não chorarei mais."*

XVIII – Isolda Abandonada aos Leprosos

Marcos está decidido a queimar Isolda, apesar da intercessão do senhor de Lidan, que tenta fazê-lo ver que tal ação provocaria a ira de Tristão e ninguém mais estaria a salvo no reino. O rei continua inflexível e manda prosseguir a execução. Entre os assistentes encontra-se um grupo de leprosos que sadicamente propõem pena alternativa:

> *"Encontrava-se no meio da multidão um bando de cerca de cem leprosos que tinham vindo de Lancïen, onde havia o leprosário. Cada um mais hediondo que o outro, agitavam as matracas de madeira e coxeavam nas muletas, empurrando-se e acotovelando-se para melhor gozarem o espetáculo. A carne era esbranquiçada e corroída; sob as pálpebras inchadas, os olhos sanguinolentos estavam dilatados pela espera. O mais disforme de todos era o chefe do bando, e chamava-se Ivã. Com uma voz rouca, gritou ao rei: 'Sire, porque a tua mulher te enganou e ridicularizou, queres destruir-lhe o corpo nesse braseiro. Concordo que é justiça boa e direita, mas será demasiado breve! Este grande fogo cedo a queimará e o vento não tardará a espalhar as cinzas. Quando a chama da pira dentro em breve cair e se apagar, o seu sofrimento terá acabado. Queres que te ensine um castigo pior, cem vezes mais longo e cruel, de modo que ela continue a viver, mas uma vida tão miserável e atroz que será pior que a morte? Assim a rainha lamentará todo o resto da vida não ter perecido nesta fogueira; e tu serás ainda mais respeitado.'"* (pág. 88)
>
> *(...)*
>
> *"Vê estes companheiros que me cercam, com os membros disformes e a face corroída pela lepra. Entrega-lhes Isolda, ser-nos-á comum e terá de se submeter a todas as nossas vontades. Viverá dia e noite nas nossas cabanas, comerá conosco das tigelas, dormirá nos nossos catres e sofrerá o contato das nossas carnes corrompidas. Há em nós um tão grande ardor, pois o mal atiça-nos o desejo, que não existe mulher no mundo que consiga suportar as nossas relações carnais. Ao pé de ti, vivia à larga, rica e honrada, adornada com jóias e vestidos guarnecidos com peles de esquilo. Quando vir as nossas cabanas de teto baixo, quando tiver de nos servir, partilhar a nossa cama, a orgulhosa Isolda lamentará então a sua falta e até as chamas da fogueira."* (pág. 89)

Isolda é então entregue aos leprosos que cercam a infortunada *"soltando gritos penetrantes: quem primeiro se aproximaria dela e lhe tocaria com a mão?"* O sinistro cortejo de leprosos levando Isolda entra pela estrada de Lancïen. Tristão, emboscado no bosque, ataca o grupo, mata Ivã e dispersa os remanescentes aos berros. Depois, "*para melhor escaparem às perseguições, refugiaram-se no cimo de uma colina arborizada e repousaram. Isolda pousou a cabeça no peito do amado e adormeceu."*

XIX – Os Amantes na Floresta

Na floresta, os amantes vivem da caça com a ajuda de Gorvenal: *"Viveram assim muito tempo, com duro frio, sol ardente, chuva e vento, na profunda floresta."* O cão de caça de Tristão, Husdent, é solto do castelo e sai à procura do dono, que encontra seguindo a trilha do odor. Tristão o ensina a caçar sem latir. O casal já está dois anos na floresta, vivendo unicamente de bagas selvagens e da carne dos animais que Tristão mata. A penúria aumenta. Na corte, o anão faz nova intriga contra Marcos, contando a um nobre o segredo do rei: ele teria *"orelhas de cavalo"*. Quando o rei fica sabendo da revelação, corta a cabeça do feiticeiro. Tristão e Isolda tinham um inimigo a menos.

XX – O Impossível Arrependimento

Gorvenal surpreende Guenelon sozinho, durante uma caçada. Quando passa à altura de Gorvenal, o fiel servidor sai do abrigo, rememora todo o mal que Guenelon fez ao seu senhor e, com um golpe de espada, corta-lhe a cabeça. Prende-a à sela do cavalo e regressa ao refúgio de Tristão. *"Espalha-se pela Cornualha a nova de que os monteiros de Guenelon, tendo voltado atrás, encontraram o seu senhor decapitado: todos estão aterrados, ninguém mais ousa caçar na floresta"*. Numa de suas andanças pela mata, Tristão encontra um eremita, o irmão Ogrin, que conta a Tristão ter sido sua cabeça posta a prêmio e o incentiva a devolver Isolda ao rei. Tristão contra-argumenta: *"Irmão Ogrin, sabei que já não lhe pertence, pois ele abandonou-a vergonhosamente e entregou-a a um bando de leprosos; foi aos leprosos que a conquistei. Doravante, é minha; não posso me separar dela, nem ela de mim."*

XXI – A Clemência do Rei Marcos

Chega o verão pela terceira vez na floresta onde Tristão e Isolda se refugiaram. A vida do casal é dura. Falta-lhes o sabor do sal. *"Só a força do sortilégio impedia os amantes de se apiedarem de sua sorte e lamentarem a sua existência passada"*. O depauperamento físico de Tristão torna a caça difícil. De volta de uma caçada infrutífera, Tristão, exausto, deita-se ao lado de Isolda, colocando sua espada entre eles: *"Pela primeira vez desde que haviam entrado na floresta de Morois, repousaram juntos sem obedecerem à força do desejo."* Enquanto dormem, um florestal os vê pela janela. Faz correndo as duas léguas até Tintagel e relata a descoberta ao rei, que, temendo outro vexame, parte sem escolta para a cabana dos amantes. Ao vê-los adormecidos, o rei, que pretendia matá-los, fica impressionado com a castidade aparente da situação.

> *"Deus – disse para consigo mesmo -, que vejo aqui? Tenho o direito de matá-los? Há dois anos que vivem juntos neste bosque; se se amassem loucamente, dormiriam vestidos? Teriam colocado entre eles esta espada nua? Os mais sábios clérigos ensinam-nos que uma espada desembainhada entre dois corpos é guardiã e garantia de castidade. Não vejo os seus lábios desunidos? Não, não os matarei; seria um grande pecado matá-los quando repousam sem defesa. E se os acordasse, quem sabe se Tristão, bruscamente tirado do sono, não dirigiria contra mim a espada? Um de nós poderia ser morto. Isso seria comentado durante muito tempo neste país e não traria honra a ninguém. Mas vou fazer de modo que, quando despertarem, saibam com toda a certeza que os descobri adormecidos nesta choupana; saberão que os poderia matar se quisesse e que me apiedei deles, concedendo-lhes o meu perdão e clemência."* (pág. 105)

O rei os perdoa e, para deixar claro que os havia descoberto, troca seu anel com o dela e sua espada com a de Tristão. Marcos parte deixando os amantes adormecidos. Quando acordam, Tristão e Isolda dão-se conta da visita do rei. Assustado, Gorvenal os aconselha a fugir.

> *"Os amantes, com Gorvenal, dirigem-se por sendas perdidas para a terra de Gales, nos extremos confins da floresta de Morois. O medo traça-lhes longas etapas sem repouso nem sono. Quantas torturas o Amor não lhes causou!"* (pág. 107)

XXII – O Fim do Sortilégio

Chega ao fim do prazo de ação do filtro, três anos. Tristão, foragido no País de Gales, liberto do sortilégio, medita sobre a estranha visita do rei e conclui que a intenção de Marcos era perdoá-los. Reconhece que estava sob o poder de uma poção mágica e lamenta ter estragado a juventude de Isolda: *"Ao Senhor Deus, Rei do mundo, peço perdão e suplico-lhe que me dê força para devolver Isolda ao rei Marcos."* Isolda, por sua vez, considera que por causa dela Tristão *"leva uma existência miserável"*. Tristão começa a cogitar seriamente a hipótese de devolver Isolda a Marcos e atribui a loucura que viveram ao filtro. Isolda concorda:

> *“ ‘Falas a verdade, querido Tristão. Sinto como tu que o sortilégio chegou ao fim. O nosso amor continua, como dizes, mais forte que nunca, mas cessou de ser uma coação mágica, uma força exterior, invencível e fatal. Vamos amar-nos agora como os outros homens e as outras mulheres desde que o mundo é mundo; eis-nos restituídos à condição comum de todos os mortais. Doravante estaremos sujeitos aos caprichos do destino, à flutuação dos nossos desejos, a todos os movimentos contrários, a todos os remorsos das nossas vontades. Daí vem que a esta hora, sem cessarmos de nos amar, estejamos a conceber o projeto de nos separarmos.’ Tristão fitou-a longamente com ternura, depois acrescentou: ‘Compreendeste como eu, bela amiga, que a nossa vida ia mudar. A partir de agora, não seremos mais conduzidos contra vontade pela força do sortilégio; temos de ser nós a decidir a nossa sorte.”* (págs. 111-112)

O casal procura o eremita Ogrin e confessa seu desejo de reconciliação com o rei. Ogrin combina de escrever carta ao rei Marcos propondo o retorno do casal. O próprio Tristão levaria a missiva. (Tristão, de fato, alguns dias depois, invade sorrateiramente os aposentos do rei e entrega-lhe a carta. A resposta deveria ser colocada em determinado local. Tristão parte rapidamente.)

XXIII – A Separação dos Amantes

A mensagem é lida a Marcos pelo capelão[12]. O rei fica contente com o conteúdo em que Tristão insiste na sua inocência e declara-se pronto a *“lutar com armas iguais contra quem tenha falado mal da rainha”*. Além do duelo, a carta propõe:

> *“Se desejas agora reaver a loura Isolda, e acolher-me de novo no teu palácio, nenhum barão desta terra te servirá mais fielmente do que eu. Se me repeles, por temor ou rancor, irei combater para o rico rei de Gavoie e não me tornarás a ver. A ti compete a decisão; não posso mais suportar ver a rainha viver na miséria e na penúria, entre os animais da floresta. Se não aceitares o acordo que te proponho e se te recusares a receber a rainha, por amizade e honra a levarei novamente para a Irlanda, donde a trouxe, e reinará no seu país. Sire, manda suspender a tua resposta, qualquer que seja, num dos braços da Cruz Vermelha.”* (pág. 116)

Nenhum dos barões aceita duelar com Tristão. Dinas de Lindau e outros fiéis insistem para que o rei aceite a mulher de volta e que permita que Tristão vá combater para Gavoie, *“o rico reino que o rei da Escócia acaba de invadir.”* Marcos concorda. Tristão combina deixar Husdent com Isolda e, em troca, recebe dela um anel, que serviria para se identificarem: *“Quando tu enviar algum mensageiro portador do teu anel de jaspe[13] verde, farás o que te disser”*. Ela promete. Usando todo o seu pecúlio, o eremita compra roupas novas para o casal. As comitivas de Tristão e de Marcos encontram-se. Marcos recebe a rainha e insiste em que Tristão deve partir. Oferece-lhe dinheiro. Tristão recusa:

> *“ ‘Rei da Cornualha – respondeu Tristão -, não tenho que fazer dos vossos bens. De vós não aceitarei um vintém. Pobre como sou, é com grande alegria que irei servir um rei poderoso. O único favor que vos solicito hoje é que me devolvais a espada, aquela que me destes outrora para combater o Morholt e cuja lâmina se fendeu no crânio do gigante. Haveis-me retirado, nobre tio, quando me surpreendestes numa cabana de Morois, adormecido perto da rainha. Permiti que a recupere agora, antes de partir em terra estrangeira. Mandei o meu escudeiro trazer a vossa espada real com o botão do punho em ouro cinzelado, aquela que colocastes junto de mim, no lugar da minha, em sinal da vossa clemência: não convém que a leve comigo para o exílio.’ E assim foi: Marcos recuperou sua espada e devolveu a de Tristão.”* (pág. 120)

“Sem mais nenhuma palavra, Tristão pegou nas rédeas, meteu o cavalo a trote e encaminhou-se para o mar. Isolda seguiu-o com o olhar enquanto o pôde ver”. Junto ao rapaz cavalga Dinas que lhe promete lealdade. Os homens se despedem com sete beijos e vai cada um para o seu lado. Naquela noite, o rei

[12] Nota do resumidor – Com exceção do clero, são todos analfabetos. Carlos Magno faria grande esforço, a partir do ano 800, para instruir a nobreza.

[13] Nota do resumidor – Segundo uma das versões, o jaspe é a pedra na qual teria sido esculpido o Graal. A pedra teria sido retirada da testa de Lúcifer quando da sua queda sobre a terra.

franqueia as portas do palácio e *“toda a gente pôde entrar livremente e comer até fartar”*. Isolda reencontra Brangia que, na ausência da senhora, havia continuado a abominar Tristão publicamente. Por sua parte, Tristão não vai muito longe:

> *“Entrementes, Tristão, após a partida de Dinas de Lidan, abandonara a estrada e embrenhara-se, em companhia de Gorvenal, no atalho que conduzia à habitação de Orri, o florestal. Caía a noite: penetrou, sem ser visto, na cabana e instalou-se no celeiro. Durante todo o tempo que Tristão permaneceu no esconderijo subterrâneo, recebeu por meio de Périnis novas da rainha.* (pág. 122)

XXIV – O Juramento Judiciário[14] é Exigido à Rainha

Os três[15] barões inimigos de Tristão e Isolda voltam à carga e insistem que Isolda jure sua inocência perante Deus. O rei enfurecido ameaça de mandar chamar Tristão. Os três recuam, mas o rei está tão bravo que os expulsa e, mais tarde, conta a Isolda sua intenção de repatriar Tristão. Isolda, no entanto, preocupada com o enfraquecimento político do rei, concorda em passar pelo julgamento para calar os barões:

> *“ ‘Ah!, nunca mais me deixarão uma hora de paz? Mas se Deus manifestar a minha inocência, estou certa de que depois ficarão quietos e não pedirão mais nada! Também quero que o rei Artur e a sua corte assistam ao meu julgamento, Gauvain, o seu sobrinho, Girflet e Keu, o senescal: como eles por testemunhas, pronunciarei o juramento. Senhor, fixai uma data e mandai dizer ao rei Artur que o quereis encontrar, a ele e aos seus fiéis, no dia marcado na Charneca Branca.’ O rei respondeu: ‘Rainha, falastes como é de honra.’ E manda todos os seus homens dirigirem-se ao julgamento.”* (pág. 125)

Brangia mostra a sua senhora que ela não poderá jurar em falso *“sob pena de incorrer na ira divina”* e que o filtro não serviria de desculpa para o tribunal como servira para Ogrin. A criada pensa num estratagema:

> **“ ‘***Acreditai-me, tendes de empregar outra fórmula, com palavras tão bem escolhidas e tão engenhosamente compostas que possam ser interpretadas no sentido da verdade por aqueles que a sabem e num sentido muito diferente por aqueles que não a conhecem.’ As duas mulheres começaram então a procurar juntas: imaginaram, para sossegar o rei Marcos sem ofender a Deus, um estranho estratagema para o qual o concurso de Tristão era necessário. Brangia riu muito só à ideia do ardil e Isolda divertiu-se com ela.”* (pág. 126)

Isolda manda bilhete a Tristão pedindo-lhe para estar presente no dia do julgamento, coberto de andrajos, como um pedinte, e obedecer às orientações dela. Quando ficam sabendo da razão daquele juramento, Sir Gauvain e Girflet, cavaleiros da távola redonda, indignados, pedem a Marcos autorização para duelar com os barões acusadores. O rei Marcos contemporiza: *“Senhores – disse -, livrai-nos dos arrebatamentos de cólera e de qualquer descortesia...”*

XXV – O Juramento Ambíguo

“Chegou a hora da assembléia em que Isolda, a loura, se devia justificar com o julgamento.” A reunião seria feita na planície chamada Charneca Branca, acessível somente pelo pântano Mau Passo. Tristão, disfarçado de mendigo, conforme o plano, parece um verdadeiro leproso. A quem passa lamenta-se: *“Infeliz de mim, que não nasci para me tornar mendigo nem ter tal ofício”*. Tristão pede esmola até para o rei Artur que lhe dá suas polainas. O rei Marcos, também assediado, cede-lhe o capuz. Quando aparecem Denoalen e Gondoïne, o “mendigo” indica-lhes o caminho errado e eles afundam na lama. Chega Isolda e *“com grande alegria, vê os invejosos na lama e o amado empoleirado no outeiro, vestido de mendigo; ri com vontade”*. Seguindo o plano, Isolda dispensa seu cavalo e exige que o “mendigo” a atravesse nas

---

[14] Nota do resumidor – Juramento judiciário, também chamado ordálio, é um julgamento perante Deus. De modo geral o juramento é acompanhado de uma prova física, como colocar com a mão no fogo. Na versão de Joseph Bédier, Isolda faz o juramento segurando ferros em brasas, mas suas mãos não se queimam.

[15] Nota do resumidor – Guenelon havia sido decapitado por Gorvenal, restando, portanto, três.

costas: *"Mendigo, não quero me sujar na travessia; levar-me-ás às costas como um burro, em passos lentos, sobre as pranchas do postilhão"*. Tristão reluta teatralmente e depois atravessa Isolda.

Está tudo pronto para a cerimônia:

> *"Diante das tendas dos dois reis, senhores, clérigos e gente do povo estavam reunidos. Um lençol de seda ricamente bordado estava estendido na erva e haviam aí disposto todos os corpos santos do país, tirados dos tesouros das igrejas, relicários de ourivesaria, escrínios e relicários esmaltados. Artur saiu do seu pavilhão e falou em primeiro lugar: 'Rei Marcos – disse -, é ultrajar a rainha exigir-lhe semelhante juramento. Aqueles que te levaram a reunir esta assembleia fizeram-te uma patifaria e deviam pagá-la caro. És demasiado crédulo e deixas-te enganar pelos intrigantes. Mas já que Isolda, a nobre rainha, a complacente, se quer submeter a esta provação, consinto que se realize na minha presença. Declaro-o solenemente: uma vez justificada com o juramento, mandarei enforcar todos aqueles que tiverem a audácia de falar mal dela."* (págs. 132-133)

A cerimônia prossegue. Isolda, que veste apenas uma túnica branca, profere o juramento:

> *" 'A fim de o rei Marcos e todo o povo da Cornualha ficarem inteiramente seguros de mim, perante Deus e toda a corte celeste, sobre estas santas relíquias e sobre todas as que estão pelo mundo, juro que jamais homem algum entrou nas minhas coxas senão o rei Marcos, meu marido, e aquele leproso que, há pouco, me trouxe às costas como um animal de carga'. Estendeu então a mão direita por cima dos corpos santos e, com uma voz forte e segura, pronunciou a fórmula sacramental, segundo o rito da Santa Igreja: 'Assim como disse a verdade, possa Deus Todo-Poderoso vir em meu socorro!' "* (págs. 133-134)

XXVI – Disfarces e Crueldades do Amor

Tristão, percebendo que Isolda estava segura, decide deixar a Cornualha e partir ou para ou para o *"País de Gales ou para o rico rei de Gavoie"*. Antes de partir, passa pelo pomar do rei, sobe no pinheiro e imita um rouxinol sob a janela de Isolda. Ela reconhece o amante e desce. Tristão e Isolda se abraçam na penumbra.

> **"***Até ao aproximar da aurora, não desfizeram o abraço. Então ele saiu do jardim saltando por cima da paliçada e, apesar das objurgações de Gorvenal, resolveu adiar uma vez mais a partida. Com a cumplicidade de Brangia e de Périnis, os amantes retomaram como outrora os encontros noturnos, primeiro no jardim e depois no próprio quarto de Isolda."* (págs. 136-137)

O casal é visto por um servo de Gondoïne que alerta o patrão que, por sua vez, alerta Denoalen, seu compadre. Ambos preparam o flagrante para o dia seguinte. No entanto, naquele dia, quando Tristão dirigia-se para o bosque, encontra Denoalen e decepa-lhe a cabeça. *"Depois, cortou-lhe as longas tranças e meteu-as nos calções: levá-lo-ias a Isolda para melhor regozijar com ela a morte do traidor"*. À noite, já com a amante, Tristão percebe a presença de Gondoïne que os espionava e o mata com uma flechada. Agora só restam o duque Audret e Kariado, mas Tristão, altamente comprometido por aquelas duas mortes, tem de partir: *"Tristão beijou-a uma última vez e, com o coração oprimido, foi juntar-se a Gorvenal, que o esperava no bosque."*

XXVII – As Foices Sangrentas

"Desta vez, Tristão deixou Tintagel com o pensamento de que não voltaria tão cedo, e talvez nunca mais. Era não contar com a estranha aventura que devia, contra as suas previsões, trazê-lo de volta alguns dias mais tarde." A caminho do reino de Gavoie, Tristão e Gorvenal encontram alguns companheiros da Távola Redonda do rei Artur, Gauvain e Keu, entre outros. Tristão conta-lhes que havia deixado a corte por ser perseguido pelo duque Audret. Os cavaleiros urdem então um plano para Tristão rever a sua rainha pela última vez. O grupo (entre eles Tristão) fingiria estar caçando e, fazendo-se de perdido, pediria hospitalidade ao rei. Tristão iria disfarçado de monteiro. Gorvenal qualifica o plano de insensato, mas

Tristão insiste em executá-lo. O rei os recebe bem e todos vão dormir nos aposentos reais. À noite, quando todos dormem, Tristão tenta aproximar-se do leito da rainha, mas o rei, desconfiado de todos, havia colocado lâminas cortantes em volta da cama. Tristão se corta. Como isso garantiria a incriminação do rapaz, Keu, que percebe a situação, inicia uma briga onde todos se ferem. Quando o rei se dá conta, todos estão vertendo sangue.

> *"Que restava ao rei fazer senão acalmar a contenda e desculpar-se por ter deixado pôr armadilhas no seu próprio quarto? Enquanto cuidavam dos feridos, Tristão, que já não corria o risco de ser reconhecido entre os feridos, aproveitou para aproximar-se da rainha e dirigir-lhe algumas palavras."* (pág. 143)

No dia seguinte, Tristão e Gorvenal embarcam para a Pequena Bretanha[16].

XXVIII – A Miragem da Outra Isolda

Reina na Pequena Bretanha um velho duque de nome Hoël que guerreia contra o vizinho, o conde Riol de Nantes. Riol tinha um filho, Kaherdin, *"bravo e cortês"* e uma filha, *"bela e bem-educada"*, a que chamavam Isolda "das mãos brancas". Tristão oferece seus serviços militares ao duque. Contratado, o rapaz liberta várias cidades *"sitiadas pelo inimigo"* e obriga *"Riol a implorar a paz"*. Tristão fantasia sua Isolda pelo convívio com a nova e quando, em devaneio, menciona o nome, Kaherdin julga tratar-se de sua irmã, cuja mão oferece-lhe em casamento. Tristão resiste no primeiro momento, mas aos poucos vai se acostumando com a idéia.

> *" 'Se a loura Isolda não se acautela, terei de renunciar ao que não posso ter: encontrarei o apaziguamento neste novo amor. Em vez de suspirar pelo impossível, restringirei as minhas forças às coisas acessíveis. Para que eternizar um amor do qual não pode vir nenhuma alegria? Que Isolda, a loura, ame o seu dono e senhor e fique com ele. Não a quero censurar: o homem não deve odiar o que adorou, pode unicamente libertar-se, afastar-se e desprender-se disso. Quero doravante esforçar-me, a exemplo da loura Isolda, por apreciar o encanto que há nas carícias sem amor. Mas como experimentá-lo senão casando com a jovem que se enamorou de mim e que aspira a dar-me esse prazer?'*
>
> *Tristão deseja Isolda das mãos brancas pela sua beleza, que era como que um reflexo da de Isolda da Irlanda, e também pelo nome de Isolda, que lhe recorda o primeiro amor: é a reunião do nome e da beleza que lhe inspira o desígnio de tomar a jovem por mulher. O sofrimento vem-lhe de uma Isolda, é de outra Isolda que espera a consolação. Eis que mostra por ela tanto ardor, que tem para com os seus parentes tantas belas palavras, que todos concordam em celebrar o casamento."* (págs. 146-147)

Tristão casa-se com Isolda "das mãos brancas". Na noite de núpcias, o anel mágico que Isolda, a loura, lhe havia dado mostra a imagem da sua amada. Tristão sente remorsos e conclui que *"a paixão por Isolda, a loura, mais forte que nunca no seu coração, paralisa-lhe a vontade e torna a natureza impotente"*. Para a mulher, atribui suas dificuldades a uma ferida de guerra ainda não curada.

XXIX – A Água Atrevida

Tristão, Isolda "das mãos brancas" e seu irmão Kaherdin dirigem-se à peregrinação dos Sete Santos da Bretanha. Ao atravessar um rio, Isolda recebe um esguicho de água entre as pernas e, num chiste, insinua a impotência do marido: *"Água, és em verdade muito atrevida e foste mais longe entre as minhas pernas do que foi a mão de algum homem, nem mesmo de um Tristão."* Kaherdin fica muito surpreendido em saber que o casal vive *"como monge e monja"*. Mais tarde, Kaherdin tiraria satisfações de Tristão com relação à não consumação da união: *"Eis a minha última palavra: se não reparares a tua falta e não*

---

[16] Nota do resumidor – Pequena Bretanha (ou Armórica) é o nome antigo da Bretanha francesa que foi povoada por volta do ano 500 dC (séc. VI) por bretões ingleses fugindo do domínio anglo-saxão nas ilhas (Grã-Bretanha). Sua capital histórica é Nantes.

tratares doravante a minha irmã como a tua verdadeira mulher, lanço-te o meu desafio, pois tal ultraje só se lava com o sangue." Tristão confessa sua verdadeira situação e se responsabiliza pelo erro do casamento, mas não vê saída: *"Sei agora que nunca me será possível unir-me carnalmente a outra mulher que não seja aquela Isolda cuja existência acabo de te revelar."* Como Kaherdin não acredita e atribui a história a uma fantasia, Tristão assegura:

> *"Enganas-te, amigo; é uma mulher de carne e osso. Vive em Tintagel, no reino da Cornualha, e o marido, a quem a entreguei, é o célebre rei Marcos, cuja fama chegou, desde há muito tempo, até aqui. Já sabes que sou filho do rei Rivalino de Leônis; pois fica sabendo agora que o rei Marcos é meu tio, irmão de minha mãe, e que o único objeto do meu amor é Isolda, a loura, filha de Gormond, rei da Irlanda, e mulher do rei Marcos. Ousais ainda afirmar que são quimeras e vãs ilusões de um espírito doente?"* (pág. 152)

Para provar sua defesa, Tristão embarca para a Inglaterra levando Kaherdin consigo.

XXX – O Mocho e o Corujão

Na Cornuália, Isolda não havia esquecido Tristão. Nada que o rei Marcos pudesse fazer *"apagara no seu coração a imagem de Tristão nem enfraquecera o amor que lhe dedicava"*. Isolda, contudo, não tem notícias de Tristão: *"ignora onde está e em que país, se está morto ou vivo"*. Os inimigos de Isolda sonegam-lhe informações sobre os feitos de Tristão na Pequena Bretanha. Kariado, o antigo barão inimigo de Tristão, corteja a rainha: *"Era um belo senhor, cortês, altivo e orgulhoso, mas valia mais nos quartos das damas que na batalha; era, além disso, belo e bem conversador e fino contador de histórias"*. Ao ouvir Isolda cantando o *lai* de Guiron, composto por Tristão, sugere que aquela canção, como o canto do mocho que antecede a morte de alguém, prenunciava a morte de seu autor. Como resposta, Isolda o acusa de covardia: *"Vós, Kariado, nunca tivestes a menor vontade de partir para longe a fim de realizardes feitos que vos trouxessem fama... Estais sempre disposto a dizer mal das ações de outrem, mas das vossas nunca se falará."* Rebatendo, Kariado maliciosamente revela a Isolda que Tristão estava casado em outra terra e parte.

> *"A rainha ficou sozinha, atormentada por uma grande aflição. Tristão perjurou. Tristão! Será possível? Gostaria de se assegurar da verdade do fato, mas está de tal modo ferida e humilhada no seu íntimo que não se ousa confiar a ninguém, nem mesmo a Brangia, a sábia, nem ao franco Périnis."* (pág. 157)

XXXI – O Reencontro dos Amantes

Tristão e Kaherdin desembarcam na Cornualha, não longe de Tintagel, numa enseada deserta vizinha do castelo de Dinas de Lidan. Tristão pede a Dinas que o esconda e ajude a rever Isolda pelo menos uma última vez. Tristão descobre que os reis iriam partir em três dias para Lancïen e manda a Isolda uma mensagem com seu anel de jaspe verde.

Dinas leva a mensagem a Isolda, que quer saber do emissário se Tristão se havia casado. Ele confirma, mas explica:

> *"Rainha, nesse ponto disseram-vos a verdade. Mas ele assegura que, a despeito desse casamento, que aliás nunca consumou, não vos traiu de modo algum; que nem um único dia cessou de vos amar acima de todas as mulheres; que morre se não vos vê, nem que seja só uma vez. Suplica-vos que consintais, pela promessa que lhe fizestes no dia em que vos restituiu ao rei."* (pág. 160)

Tristão, Gorvenal e Kaherdin escondem-se no caminho entre Tintagel e Lancïen. O cortejo aparece na estrada. Kaherdin, observando à distância, acha que Brangia é a mulher mais bela que havia visto. Aparece a rainha:

“ ‘Desta vez – disse Tristão a meia voz -, é a rainha!´ Kaherdin contemplava-a fixamente, e tal era o seu encantamento que ficou boquiaberto. A partir desse instante não mais duvidou da palavra que Tristão lhe dera.” (pág. 161)

Tristão imita pássaros, Isolda o reconhece, pede para parar às margens do bosque e diz em voz alta:

“ ‘Pássaros deste bosque, que me deleitastes com as vossas canções, tomo-vos a meu serviço. Enquanto o meu senhor Marcos cavalga até Lancïen, quero regressar a Tintagel, pois esta viagem fatiga-me. Pássaros, escoltai-me até lá! Esta noite recompensar-vos-ei largamente, como a bons menestréis.’ Tristão ouve estas palavras e alegra-se. Depois Isolda mandou chamar Brangia e falou-lhe em confidência: ‘Amiga, o coração diz-me que Tristão não está longe e que daqui a pouco cessarão aos minhas angústias. Quando estivermos de retorno a Tintagel, vigia a porta. É possível que tente vir ter comigo sob algum disfarce. Saberás reconhecê-lo e levar-mo-ás em segredo.’ ” (pág. 162)

Enquanto o rei acampa para passar a noite, Isolda volta para o castelo em Tintagel para encontrar Tristão, que se faz passar por peregrino (Era costume em Tintagel dar-se esmola aos viajantes e conceder-lhes hospitalidade). Tristão e Isolda se reencontram. Entretanto, no acampamento, o barão Audret estranha a volta inesperada de Isolda à fortaleza e, sabendo das habilidades de imitação de pássaros de Tristão, desconfiado, intriga o rei novamente contra o casal:

“ ‘Sire, passam-se coisas estranhas. Apesar da promessa, Tristão voltou. Vai tentar ver a rainha e ela recebê-lo-á, pois nunca cessaram de se amar. Ela está prevenida do seu retorno e sei que se prepara para recebê-lo em Tintagel, em companhia de Brangia e de Périnis, que sempre foram seus cúmplices. Rei, pensa em defender a vossa honra! Enquanto vós vos afastais para o passatempo da caça, Isolda e o vosso sobrinho entregam-se ao passatempo do amor.’ ” (pág. 163)

Audret espiona o castelo e confirma suas suspeitas. O rei volta em segredo a Tintagel e pressiona Brangia a dizer a verdade. A criada confirma ao rei que ele de fato corria grande perigo em abandonar a mulher tantos dias e que o verdadeiro assediador era Kariado. Marcos promete expulsá-lo.

XXXII – O Pecado e a Penitência de Isolda

Brangia encontra-se todas as noites com Kaherdin, logo são dois os vultos que saem furtivamente do palácio ao amanhecer. Audret, de tocaia, segue um deles que julga ser Tristão e vai dar no bosque onde estão escondidos Gorvenal e o escudeiro de Kaherdin. Ao ver o nobre e escolta, os escudeiros fogem deixando para trás um cavalo de que Audret toma posse. O barão invejoso, que acha que ali está Tristão, esconjura-o[17] três vezes com o nome “Isolda”, mas Gorvenal não pára. No dia seguinte, Audret acusa a rainha diretamente de receber Tristão e a este de não honrá-la: *“Por três vezes o intimei a parar esconjurando-o em nome de Isolda, a loura, mas ele amedrontou-se e não ousou esperar por mim”*. Isolda nega, mas no fundo desconfia de que o comportamento de Tristão revela paixão pela nova Isolda. (Ela não sabe que não se tratava de Tristão). Isolda manda Périnis levar mensagem ao amante:

“A rainha chamou Périnis, o fiel, e repetiu-lhe as notícias que Audret lhe trouxera: ‘Amigo Périnis, procura Tristão na estrada abandonada que vai de Tintagel a Lancïen. Dir-lhe-ás que não o saúdo e que não seja tão audacioso que ouse doravante aproximar-se de mim, pois fá-lo-ei expulsar pelos sargentos e lacaios.” (pág. 168)

Tristão encarrega Périnis de esclarecer o equívoco. Ela não acredita. No dia seguinte, Tristão perambula por Tintagel disfarçado de mendigo. *“Seu único desejo era avistar a rainha e fazer-se reconhecer por ela.”* Ela passeia com uma comitiva, reconhece Tristão, nega-se a olhar para ele e manda os lacaios expulsá-lo.

[17] Nota do resumidor – Esconjurar significa aqui desafiar em nome de alguém, no caso Isolda. O desafiado não pode negar-se, sob pena de mostrar desprezo pela pessoa invocada.

Quando ele diz *"Rainha, tende piedade! Sofri tanto por vós",* ela desata a rir e entra na igreja. Tristão cala-se e se afasta.

> *"Nesse mesmo dia, Tristão, depois de abandonar as vestes de leproso, despediu-se de Dinas de Lidan. Estava tão desanimado que parecia ter perdido o juízo. No dia seguinte, em companhia de Gorvenal, de Kaherdin e do seu escudeiro, todos vestidos de peregrinos, fez-se ao mar para regressar à Pequena Bretanha."* (pág. 170)

A rainha não tarda a se arrepender do seu orgulho. Compreende que Périnis falara a verdade.

> *" 'Infeliz de mim! – exclamou. – Pequei contra o meu amor! Doravante odiar-me-á e nunca mais o verei. Jamais saberá quão arrependida estou nem que penitência irei impor a mim mesma e oferecer-lhe como penhor dos meus remorsos.' Desde esse dia, Isolda, a loura, passou a usar um cilício e fez o voto de trazê-lo contra a carne até que Tristão a perdoasse."* (pág. 170)

XXXIII – Tristão Louco

Um ano depois, na Pequena Bretanha, Tristão prefere morrer a viver na dor o resto da vida. Está obcecado em voltar à Cornualha e rever Isolda. *"Uma manhã em que errava sem ninguém o saber, os passos conduziram-no ao porto, onde encontrou uma grande e bela nau de mercadores estrangeiros."* Parte nela para a Cornualha. Treze dias depois aporta em Tintagel. Tristão se disfarça de louco, pinta o rosto e vai ao castelo. Marcos o recebe e Tristão discursa enlouquecidamente na presença dos reis:

> *" 'Acabo de desembarcar de um navio de mercadores. Também vos quero dizer quem sou e o que peço: a minha mãe era uma baleia que vivia no mar como uma sereia. Não sei onde nasci, mas sei quem me alimentava: uma grande tigresa aleitava-me numa gruta onde me encontrara. Estava estendido numa larga pedra e ela dava-me de mamar. Também tenho uma irmã muito bela; dar-vo-la-ei, se quiseres, em troca de Isolda, que amo apaixonadamente. Façamos este negócio! Vós aborreceis-vos com Isolda: dai-ma e unide-vos a outra mulher. Se me entregardes Isolda, serei vosso homem e servir-vos-ei até ao fim dos meus dias.' O rei riu-se e perguntou: 'Tão verdade como Deus te possa ajudar, se te presenteasse com a rainha, diz-me, o que farias dela? Para onde a levarias?' 'Rei – respondeu o louco, conservando o olhar fixo em Isolda -, tenho lá em cima no céu uma sala onde habito. É toda feita de vidro, bela e grande: pendurada nas nuvens e toda banhada pelo sol, qualquer que seja a violência dos ventos, não se mexe nem cai. Perto da sala há um quarto feito de cristal; quando o Sol se levanta, a claridade é maravilhosa.' O rei e os outros desatam a rir ruidosamente e zombam entre si dos ditos desconexos do louco."* (págs. 172-173)

Diz que seu nome é Tãotris. Isolda, lembrando de Tristão, diz que não pode ser. O "louco" a lembra de já ter sido curado por ela e conta a história, mas Isolda insiste: *"Deixa-nos: és louco de nascença e eu não faço caso nenhum de ti nem dos teus disparates"*. O "louco" continua a contar as façanhas de Tristão. Isolda quer se retirar, mas o rei não permite: *"Tenha um pouco de paciência, doce amiga, não devemos ir até o fim da sua loucura? Tenho pressa de saber até onde este vagabundo quer chegar."* A rainha finalmente vai para seus aposentos e confessa a Brangia que aquele homem deve ser um feiticeiro, porque conhece a vida dela *"de fio a pavio"*. Brangia desconfia:

> *" 'Senhora – inquire Brangia, a avisada -, esse louco será o próprio Tristão?' 'Oxalá que não! É grosseiro, hediondo e disforme, enquanto Tristão é belo, fino e ágil. Ah!, que Deus confunda esse louco! Maldita seja a hora em que nasceu e maldita a nau que o trouxe para este país! É uma grande pena que os marinheiros não o tenham atirado ao mar profundo!' "* (pág. 175)

Brangia vai ter com o "louco" e conclui tratar-se mesmo de Tristão que, por sua vez, acaba penetrando nos aposentos da rainha, conta-lhe detalhes da vida dos dois e chama Husdent, que o reconhece. Embora Isolda relute, as provas são tantas que ela acaba cedendo:

> *"Isolda não hesita mais, reconhece a voz que lhe é querida, deita os braços à volta do pescoço de Tristão e cobre-lhe de beijos."* (pág. 176)

Tristão pede água e lava a tinta do rosto. Passa a noite com ela e despede-se de manhã:

> *"Chegada a manhã, Tristão diz: 'Meu amor, se o rei me surpreendesse contigo neste quarto, mandar-nos-ia matar aos dois. Para tal salvação, embora me custe, tenho de me afastar de ti uma vez mais.' 'Ah!, Tristão, belo e doce amigo, sei que, em verdade, nunca mais te verei neste mundo.' Tristão respondeu-lhe: 'Não sei o que nos reserva o futuro, mas estou certo de que nunca cessarei de te amar.' Isolda continuou: 'Belo amigo, toma-me nos teus braços e leva-me então para o país afortunado do qual me falavas não há muito, o país do qual ninguém regressa. Leva-me!' "Sim, iremos juntos para o país afortunado dos vivos. Aproxima-se a hora: não bebemos já toda a miséria e toda a alegria? Aproxima-se o momento: quando tiver chegado, se te chamar, Isolda, virás?' 'Amor, bem sabes que irei.' Então Tristão despediu-se da amada, mas jamais em vida a devia tornar a ver. "* (pág. 177)

XXXIV – A Sala das Imagens

De regresso à Pequena Bretanha, Tristão *"vive na dor e na angústia"*, mantendo a mesma frieza em relação a Isolda "de mãos brancas". O segredo de Tristão continua guardado por Kaherdin.

Certo dia, Tristão passeia pelo reino com seu sogro que lhe indica um rio de corrente violenta como limite entre as terras de Hoël e as do gigante Beliagog. Em nenhuma hipótese aquele rio deveria ser transposto. Tristão, no entanto, interessa-se por uma ilha *"com belas árvores, altas, direitas e robustas e das mais diversas espécies"*, do lado de Beliagog. O rapaz pensa em construir ali uma habitação onde pudesse ficar solitário. No dia seguinte, lança-se a cavalo na corrente e, com muitas dificuldades, chega à ilha. Após ter errado por algum tempo, *"pegou na trompa e arrancou-lhe um som tão forte e prolongado que o gigante ouviu."* Beliagog aparece e ordena Tristão que saia imediatamente. O herói, no entanto, o desafia: *"Quero abater aqui tantas árvores quanto me apetecer e aquele que de nós dois vencer o outro disporá do resto da floresta"*. Lutam e Tristão vence o gigante que lhe pede clemência, oferecendo-lhe seus tesouros, que Tristão recusa e troca pela mão-de-obra necessária para construir a habitação sobre um *"outeiro elevado cercado por um fosso circular que comunicava por um canal com o mar e esse fosso era tão largo que não se podia tomar pé no outeiro nem dele sair se a maré não estivesse completamente vazia"*[18]. A habitação é construída em segredo e uma área subterrânea é especialmente decorada:

> *"Na primeira sala, Tristão colocou a figura do Morholt estendido morto no seu barco. Diante dele, doze donzéis, esculpidos em madeira pintada e marfim, e outras tantas donzelas, vestidas de seda e com ornatos bordados, bailavam e dançavam a carola: representavam a juventude da Cornualha celebrando alegremente a vitória de Tristão sobre o Morholt. Mais atrás, via-se o dragão da Irlanda que se erguia sobre a cauda, a boca aberta e as garras de fora."* (pág. 184)

Todos os outros episódios da vida de Tristão e Isolda são representados nas outras salas, incluindo uma estátua do gigante Beliagog. Sem que os nobres de Hoël o saibam, Tristão frequenta na ilha a sala de imagens todos os dias, pensando na sua amada:

> *"De certa vez revia a imagem de Isolda, tomava-a nos braços e beijava-a como se ela estivesse viva e lembrava-lhe os seus amores, as suas dores e os tormentos. Quando estava alegre, sentava-se num escabelo de carvalho, no meio da sala, e cantava para agradar à amada um dos* lais *que compusera em sua honra. Mas quando a tristeza se apoderava da sua alma, testemunhava-lhe desagrado e cólera, pois ainda lhe acontecia imaginar nos seus devaneios que ela o votava ao esquecimento e que não pudera impedir-se de amar outro na sua ausência.*
>
> *(...)*
>
> *Assim vive Tristão, a quem a paixão possui. Por vezes foge à imagem, por vezes volta para ela; por vezes tem para ela olhares radiosos e por vezes mostra-lhe um rosto de desgosto."* (pág. 186)

---

[18] Nota do resumidor – Exatamente o caso do Monte Saint-Michel, no canal da Mancha ou em local equivalente na Cornualha, que parece ter sido a inspiração para esta narrativa.

XXXV – A Última Ferida

Kaherdin confessa a Tristão seus desejos amorosos por Gargeolain, mulher do rico e poderoso anão Badalis. Tendo forjado uma chave de acesso à residência de Badalis, Kaherdin convoca o cunhado para a "temerária aventura" de invadir, na ausência do anão, os seus domínios. Ficando de guarda, enquanto Kaherdin "confraterniza" com Gargeolain, Tristão vê o anão e comitiva retornando da caça, dá o aviso e o grupo tenta fugir (*"Tristão, Kaherdin, Gorvenal e outro escudeiro"*). Cercados por adversários superiores em número, Gorvenal é atingido mortalmente. Tristão é atingido pela lança envenenada de Badalis. Com dificuldade, o trio consegue chegar ao castelo. Todas as tentativas de curar Tristão revelam-se inúteis. Tristão suplica a Kaherdin:

> *"Fica sabendo que mais ninguém me pode curar além de Isolda, a loura. Só ela, se o quiser, pode realizar esse milagre. Contanto que seja informada do estado em que me encontro, estou certo de que não se poupará a nada para me salvar. É por isso que, em nome da nossa amizade, te suplico que a vás procurar ao castelo de Tintagel e lhe peças que venha sem demora contigo para me salvar a vida."* (págs. 188-189)

Kaherdin toma o anel de jaspe verde e parte com uma mensagem para Isolda: *"Depois de a teres saudado da minha parte, diz-lhe que não há para mim nenhuma esperança de cura se ela não me vier tratar em pessoa. A menos que me reconforte com um beijo da sua boca, terei de ir desta para melhor com grande desgosto meu"*. Tristão pede sobretudo que Kaherdin nada diga à sua irmã. Faz um último pedido:

> *"É possível – replicou Tristão. – Não sei se terei forças para aguentar tanto tempo sem ser socorrido, mas Deus sustentar-me-á pela virtude da esperança. Além disso, para que enlanguesça menos tempo na incerteza da espera, peço-te, belo companheiro, que leves duas velas contigo: uma branca e outra preta. Se conseguires decidir Isolda a vir curar-me a chaga, iça a branca no retorno: assim, a alegria que experimentarei iniciará a minha cura antes mesmo de teres ancorado no porto. Se, por infelicidade, não trouxeres a minha terna amada, então desfralda a vela preta e eu cessarei de reter o que me poderá restar de vida. Vai! Nada mais tenho a dizerte: que Deus te conduza na tua viagem e te traga são e salvo!' Kaherdin abraça Tristão e, muito dolorosamente, despede-se dele."* (págs. 189-190)

XXXVI – A Morte dos Amantes

Isolda "de mãos brancas" havia escutado, do outro lado da parede, a conversa entre Tristão e seu irmão: *"A cólera enche o seu coração: não desejou tanto Tristão para vê-lo voltar-se para outra"*. Isolda "das mãos brancas" dissimula a cólera, *"simula um perfeito amor, mas medita numa vingança traiçoeira e espreita o momento de saciar o seu rancor."*

Enquanto isso, Kaherdin chega à Cornualha, aporta em Tintagel disfarçado de mercador e solicita permissão para apresentar suas ricas jóias à rainha. Mostra-lhe o anel de jaspe verde. Ela reconhece Kaherdin, que lhe conta os acontecimentos. Isolda decide ir com ele à Pequena Bretanha. O navio que traz Isolda se aproxima da costa.

> *"Durante dois dias, a borrasca e a tempestade fustigaram o mar; no terceiro, o vento amainou e o bom tempo voltou. Kaherdin, olhando de longe, viu surgir na bruma as falésias da costa bretã. Radiante, mandou desfraldar o mais alto possível a vela branca, a fim de anunciar a Tristão a boa nova: Isolda, a loura, chega! Estava a chegar ao fim o prazo de cerca de quarenta dias que Kaherdin fixara a Tristão para a viagem. Cúmulo do infortúnio: eis que o vento abranda, o sol aquece. O mar fica numa calmaria total, a nau não se move nem para um lado nem para outro e deixa-se embalar pelo marulho das vagas. Os marinheiros estão exasperados: a terra está ali à vista deles, mesmo próxima, e nenhuma brisa os empurra para ela. Ei-los no pior dos embaraços."* (pág. 194)

Isolda "de mãos brancas", no entanto, quando percebe a aproximação do navio, comunica ao marido:

“ ‘A vela é preta!’ Tristão não responde nada. Volta-se para a parede e diz: ‘Isolda, não quisestes vir para junto de mim! Por vosso amor tenho de morrer hoje!’ Depois, após um curto instante, acrescenta numa voz apagada: ‘Não posso reter a vida mais tempo.’ Por três vezes, pronunciou: ‘Isolda, meu amor!’; à quarta, entregou a alma a Deus.” (pág. 194)

Quando Isolda, a loura, finalmente chega à terra, ouve lamentos por todos os lados e dirige-se ao castelo.

“Isolda transpõe a porta do castelo e atinge logo o quarto onde repousava o corpo do amigo. Isolda das mãos brancas lamentava-se diante do corpo, chorando e soltando grandes gritos. A recém-chegada, pálida e sem uma lágrima, aproxima-se dela e diz-lhe: ‘Mulher, levanta-te e deixa-me sozinha aqui. Tenho mais direito de me afligir do que tu. Acredita-me: amei-o mais!’ Mantém-se em pé diante do leito fúnebre, a cabeça voltada para a frente, as mãos erguidas para o céu, e reza em silêncio; em seguida dirige-se a ele para deplorar o seu falecimento: ‘Tristão, morreste por amor de mim. Uma vez que já não vives, também eu não tenho nenhuma razão para viver. Tudo doravante me será sem doçura, sem alegria, sem prazer. Maldita seja a tempestade que me atrasou no mar! Se tivesse podido chegar a tempo, ter-te-ia devolvido a saúde e teríamos docemente falado do terno amor que nos une. Mas já que te não posso curar, que possamos ao menos morrer juntos!’ Aproxima-se do leito e estende-se a todo o comprido sobre o corpo de Tristão, rosto com rosto, boca com boca. Neste abraço supremo, sucumbe à violência da dor e expira num soluço.

Kaherdin, com o assentimento do duque Hoël, seu pai, já demasiado idoso para tomar decisões, mandou prestar as honras fúnebres à rainha Isolda e Tristão. Mandou embalsamar os corpos com vinho, pimenta e ervas aromáticas e colocar cada um, cosido numa pele de veado, numa barca feita de um tronco escavado ao fogo. Os dois corpos foram assim transportados por um navio até ao porto de Tintagel e entregues ao rei Marcos por um enviado de Kaherdin.

‘Sire – disse o mensageiro -, o duque Höel da Bretanha e Kaherdin, seu filho, enviam-vos por mim saudações e amizade. Encarregaram-me de vos entregar os corpos da rainha Isolda, a loura, vossa mulher, e do bravo Tristão, vosso sobrinho, cujas almas ponha Deus entre o escol do Paraíso! Tristão, que libertou o ducado da Bretanha de todos os seus inimigos e tomou por mulher a filha do duque Höel, foi ferido pela lança envenenada de um anão que Deus amaldiçoe! Como todos os médicos eram impotentes para curar a ferida, mandou chamar a toda a pressa a rainha Isolda, vossa mulher, que já por duas vezes, por meio da alta ciência herdada da mãe, o havia arrancado à morte. Infelizmente, embora tenha acorrido ao primeiro apelo, chegou demasiado tarde a Karhaix, quando Tristão acabava de entregar a alma a Deus, e ela própria morreu de comoção e compaixão. Possa o Senhor Todo-Poderoso conceder-vos amparo e consolação no momento em que haveis perdido ao mesmo tempo a mais bela das mulheres e o mais valente dos sobrinhos! Possa Ele conceder-vos longa vida, saúde, honra e vitória sobre os vossos inimigos!’

O rei Marcos ficou comovido com este discurso, e quando viu os dois corpos embrulhados nas peles de veado e deitados nas barcas, sentiu extinguir-se a cólera e acalmar-se o ressentimento, como outrora, quando havia descoberto os dois fugitivos estendidos lado a lado na cabana de folhagem de Morois. Com grandes honras, no meio das lamentações do povo, mandou enterrar perto de uma capela os corpos dos dois amantes. No túmulo de Isolda, a loura, plantou uma roseira vermelha e no de Tristão um cepo de nobre vinha. Os dois arbustos cresceram juntos e os seus ramos entrelaçaram-se tão intimamente que foi impossível separá-los; de cada vez que os podavam, tornavam a crescer com todo o vigor e confundiam a sua folhagem.(pág. 197)

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Maria do Anjo Braamcamp Figueiredo, retirados de “Tristão e Isolda”, 8ª. ed., Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1994.)